



Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

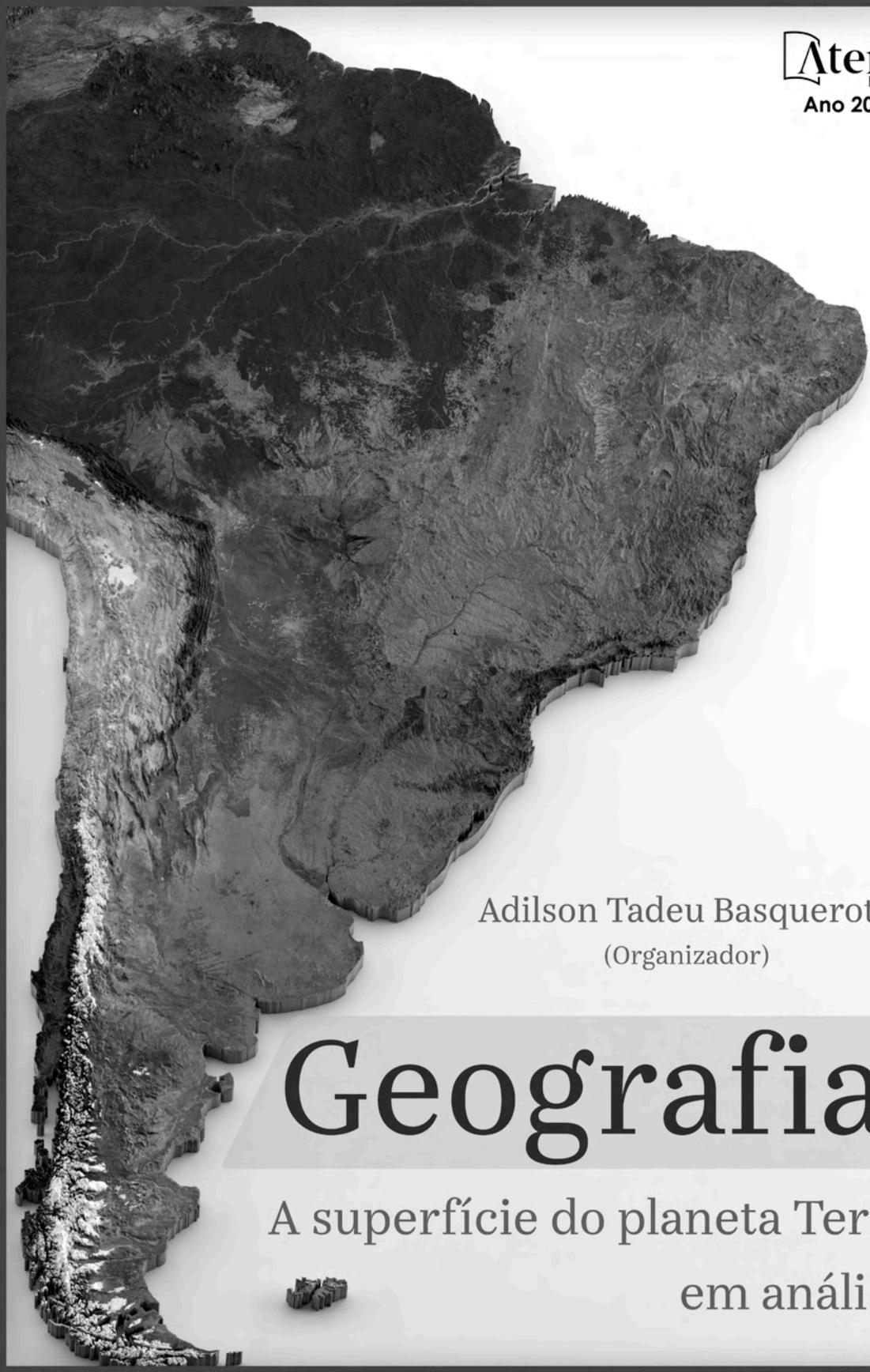
Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Geografia: a superfície do planeta Terra em análise

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: a superfície do planeta Terra em análise /
Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0504-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.047220509>

1. Geografia física da Terra. I. Basquerote, Adilson
Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910.02

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra: **“Geografia: A superfície do planeta Terra em análise 2”**, apresenta pesquisas que se debruçam sobre a compreensão dos fenômenos naturais e sociais nas suas distintas dimensões tendo a natureza e as ações humanas como campo de estudo e reflexão. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades e que permitem olhares interdisciplinares sobre a Ciência Geográfica.

Partindo desse entendimento, o livro composto por dez capítulos, resultantes de estudos empíricos e teóricos, de distintos pesquisadores de instituições e regiões brasileiras e uma cubana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e às relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises sobre hidrografia, identidade territorial, Estudos do rural, Geotecnologias, ontologia, Bullying, relevo, categorias geográficas, entre outros.

Nessa perspectiva, o capítulo 1, **A configuração de novos espaços de identidade territorial em áreas rurais e insulares do município de Paranaguá-PR**, escrito por Helena Midori Kashiwagi, Luciane Godoy Bonafini, Cliciane de Souza Meduna, Eduardo Nizer dos Santos e Emanuelle Gonçalves França, investigou a partir da percepção Ambiental a configuração de novos espaços de identidade territorial decorrentes do isolamento geográfico em áreas rurais e insulares do município de Paranaguá, Estado do Paraná. O estudo realizado com crianças com idades entre 9 e 12 anos evidenciou que os novos espaços de identidade se constituem pela caracterização do mundo vivido de cada indivíduo e sua relação com a natureza. Os elementos sócio-culturais da paisagem retratados nas imagens mentais evidenciaram a resignificação da paisagem e da identidade do lugar.

O capítulo número 2, **Pescadores de Ubu e Parati: o lugar, o trabalho e suas histórias**, redigido por Josilene Cavalcante Corrêa, apresenta pesca artesanal realizada por uma comunidade sediada no litoral sul do Espírito Santo para recontar fatos relevantes de seu modo de trabalho na região tradicionalmente ocupada. Como resultado, há o desejo que a pesquisa contribua para o registro da história da comunidade no lugar, no sentido de propor políticas de desenvolvimento que considerem seu modo de vida à medida que empresas e a urbanidade avançam cada vez mais sobre seus espaços de trabalho.

Caracterização dos corpos ígneos da porção sudoeste do batólito Ipojuca-Atalaia, superterreno Pernambuco-Alagoas: uma abordagem através da reflectância espectral e dados aerogamaespectrométricos, escrito por Sanmy Silveira Lima e Gabriela Menezes Almeida é o terceiro texto da obra. Nele as autoras visaram delimitar e caracterizar os principais corpos ígneos e que compõem a porção sudoeste do Batólito Ipojuca-Atalaia. Como resultado, o estudo fornece bases sólidas para o aprimoramento dos dados relativos aos plútons da área estudada.

Com objetivo apresentar uma proposta metodológica para estabelecer uma

classificação automatizada do relevo em 3 níveis taxonômicos, em ambiente de SIG, com aplicação no Uruguai, o quarto capítulo, denominado: **Proposta de classificação do relevo utilizando processamento digital em SIG: aplicação no Uruguai**, é apresentado por Romario Trentin e Luis Eduardo de Souza Robaina. Nele, os autores concluíram que a utilização das geotecnologias como os Sistemas de Informações Geográficas e a representação da superfície terrestre na forma de modelos digitais numéricos ou de MDE é um recurso de grande potencial às análises e compreensão do relevo. Com as aplicações deste trabalho foi possível descrever de forma quantitativa o relevo.

No quinto capítulo, **Caracterização da bacia hidrográfica do rio Coruripe, a partir da geração de dados de sensores remotos com o uso de técnicas de geoprocessamento num ambiente de SIG**, Sandoval Dias Duarte, José Lidemberg de Sousa Lopes, Sávio Barbosa dos Santos e Anderson Leão Moura visam compreender como um ambiente georreferenciados num ambiente de SIG, pode ser monitorado e planejado suas atividades de uso e ocupação do solo. Como resultado, comprovou-se que a aplicação das técnicas de geoprocessamento num ambiente de SIG facilitou com rapidez e precisão o diagnóstico dos tipos de usos do solo, principalmente diante das principais atividades antrópicas que existem atualmente dentro dos limites da bacia.

No sexto capítulo, Armando Falcón-Méndez, Dailly Y. Borroto-Escuela, Ana Laura Acosta-Alonzo e Adilson Tadeu Basquerote apresentam a pesquisa: **Estado actual de la faja hidrorreguladora del río Jusepe, Yaguajay, Sancti Spiritus, Cuba**, que avaliou o estado atual do cinturão hidro regulador do rio Jusepe em seu curso permanente. O estudo apontou uma lista florística que totalizou 130 espécies pertencentes a 103 gêneros e 61 famílias botânicas, com um total de 47 espécies arbóreas e que sofre com a pressão da ocupação da área.

Já o capítulo sete, escrito por Anadelson Martins Virtuoso pretendeu realizar a identificação, a análise e a classificação da cobertura e uso da terra nas Áreas de Preservação Permanente, do rio Muriaé, no município de Campos dos Goytacazes, RJ, por meio da pesquisa: **Mapeamento da cobertura e uso da terra nas áreas de preservação permanente do rio Muriaé no município de Campos dos Goytacazes – RJ**. O estudo concluiu que há predominância do uso da terra para agricultura e pastagens, assim como a quase total ausência de matas ciliares.

O texto: **Geografia fenomenológica-hermenêutica: o resgate da investigação ontológica do espaço a partir do existencial “ser-em” de Martin Heidegger** é o oitavo capítulo. Nele, Luis Carlos Tosta dos Reis e Josimar Monteiro Santos buscam compatibilizar a investigação ontológica na Geografia com a analítica do ser-aí humano, através das diretrizes do método fenomenológico de investigação contidas em “Ser e Tempo”. O estudo apontou a necessidade de se divisar um campo efetivamente fenomenológico de investigação da ontologia do espaço na disciplina, que traduz o próprio sentido e a meta fundamental de uma Geografia em bases ontológico-existenciais a partir da fenomenologia-

hermenêutica de Heidegger.

No penúltimo capítulo, **Bullying: a violência especializada**, Milena dos Santos Pereira e Clayton Luiz da Silva pretendem conhecer o que é o bullying e como ocorre no ambiente escolar. Assim, concluíram ele pode causar sérias sequelas e até a morte, seja ela em casos de revoltas em escolas ou suicídio.

Por fim, o capítulo dez, **Riscos e perigos em praias de alta energia**, realizou uma revisão teórica acerca dos perigos e riscos presentes em praias de alta energia e que podem representar uma ameaça aos banhistas e frequentadores em geral. Nele os autores Jessyca dos Santos Araújo . André Luiz Carvalho da Silva e Leticia Fernandes Silva Alves apresentam os principais perigos e riscos de acordo com a literatura especializada.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Editora Atena, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CONFIGURAÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS DE IDENTIDADE TERRITORIAL EM ÁREAS RURAIS E INSULARES DO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ-PR

Helena Midori Kashiwagi

Luciane Godoy Bonafini

Cliciane de Souza Meduna

Eduardo Nizer dos Santos

Emanuelle Gonçalves França

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205091>

CAPÍTULO 2..... 16

PESCADORES DE UBU E PARATI: O LUGAR, O TRABALHO E SUAS HISTÓRIAS

Josilene Cavalcante Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205092>

CAPÍTULO 3..... 32

CARACTERIZAÇÃO DOS CORPOS ÍGNEOS DA PORÇÃO SUDOESTE DO BATÓLITO IPOJUCA-ATALAIA, SUPERTERRENO PERNAMBUCO-ALAGOAS: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA REFLECTÂNCIA ESPECTRAL E DADOS AEROGAMAESPECTROMÉTRICOS

Sanmy Silveira Lima

Gabriela Menezes Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205093>

CAPÍTULO 4..... 50

PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO UTILIZANDO PROCESSAMENTO DIGITAL EM SIG: APLICAÇÃO NO URUGUAI

Romario Trentin

Luis Eduardo de Souza Robaina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205094>

CAPÍTULO 5..... 71

CARACTERIZAÇÃO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CORURUPE, A PARTIR DA GERAÇÃO DE DADOS DE SENSORES REMOTOS COM O USO DE TÉCNICAS DE GEOPROCESSAMENTO NUM AMBIENTE DE SIG

Sandoval Dias Duarte

José Lidemberg de Sousa Lopes

Sávio Barbosa dos Santos

Anderson Leão Moura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205095>

CAPÍTULO 6..... 85

ESTADO ACTUAL DE LA FAJA HIDRORREGULADORA DEL RÍO JUSEPE, YAGUAJAY, SANCTI SPÍRITUS, CUBA

Armando Falcón-Méndez

Daily Y. Borroto-Escuela
Ana Laura Acosta-Alonzo
Adilson Tadeu Basquerote

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205096>

CAPÍTULO 7..... 103

MAPEAMENTO DA COBERTURA E USO DA TERRA NAS ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE DO RIO MURIAÉ NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

Anadelson Martins Virtuoso
Cláudio Henrique Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205097>

CAPÍTULO 8..... 116

GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA: O RESGATE DA INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO A PARTIR DO EXISTENCIAL “SER-EM” DE MARTIN HEIDEGGER

Luis Carlos Tosta dos Reis
Josimar Monteiro Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205098>

CAPÍTULO 9..... 135

BULLYING: A VIOLÊNCIA ESPACIALIZADA

Milena dos Santos Pereira
Clayton Luiz da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205099>

CAPÍTULO 10..... 143

RISCOS E PERIGOS EM PRAIAS DE ALTA ENERGIA

Jessyca dos Santos Araújo
André Luiz Carvalho da Silva
Letícia Fernandes Silva Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.04722050910>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 156

ÍNDICE REMISSIVO..... 157

GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA: O RESGATE DA INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO A PARTIR DO EXISTENCIAL “SER-EM” DE MARTIN HEIDEGGER

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 20/07/2022

Luis Carlos Tosta dos Reis

Universidade Federal do Espírito Santo, PPGG
Vitória-ES
<http://lattes.cnpq.br/4409020746199511>

Josimar Monteiro Santos

Universidade Federal do Espírito Santo, PPGG
Vitória-ES
<http://lattes.cnpq.br/9475969741693571>

RESUMO: O trabalho considera a relação entre a Geografia e a fenomenologia-hermenêutica de Heidegger, tendo como foco o problema da fundamentação ontológica desta ciência. Seu objetivo consiste em fomentar uma reabilitação da investigação sobre a ontologia nesta ciência através do modo específico com o qual o filósofo apreende o método fenomenológico de investigação. Para tanto, buscará orientar a discussão sobre o assunto para a exposição do existencial *ser-em* que viabiliza a interpretação fenomenológica do espaço enquanto fenômeno originário que, de acordo com o filósofo, corresponde ao *espaço existencial* que está à base de toda representação conceitual das ciências que efetivam suas pesquisas através de uma determinação teórica específica sobre o espaço, como no caso da Geografia. Para tanto seria indispensável compatibilizar a investigação ontológica na Geografia com a *analítica do ser-aí* humano, através das diretrizes

do método fenomenológico de investigação contidas em “**Ser e Tempo**”. A pesquisa se justifica na medida em que constitui uma via pouco desenvolvida na disciplina, sendo que, via de regra, o assunto permanece submetido a um tratamento de caráter estritamente teórico. O principal resultado da pesquisa apontou no sentido da necessidade de se divisar um campo efetivamente fenomenológico de investigação da ontologia do espaço na disciplina, que traduz o próprio sentido e a meta fundamental de uma Geografia em bases ontológico-existenciais a partir da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Ontologia, Fenomenologia; Heidegger.

PHENOMENOLOGICAL-HERMENEUTIC GEOGRAPHY: THE RESCUE OF THE ONTOLOGICAL INVESTIGATION OF SPACE FROM THE EXISTENTIAL “BEING- IN” OF MARTIN HEIDEGGER

ABSTRACT: The work considers the relation between Geography and Heidegger’s phenomenology-hermeneutics, focusing on the problem of ontological solid ground of this science. Its goal is to promote a rehabilitation of investigation concerning the ontology in this science through a specific way in which the philosopher apprehends the phenomenological method of investigation. For this, It will seek to guide the discussion about the matter for the exposition of the existential being-in which make viable the phenomenological interpretation of space as originary phenomenon that, in

according to philosopher, corresponds to the existential space that is at the base of all conceptual representation of sciences that lead their researches through a specific theoretical determination about space, such as Geography. To do so, it is essential to make ontological research in Geography compatible with the analysis of human being-there, through the guidelines of the phenomenological method of investigation contained in Being and Time. The research is justified insofar as it constitutes a path that is little developed in the discipline, where as a rule, the subject remains submitted to a treatment of a strictly theoretical nature. The main result of the research pointed towards the need to make available an effectively phenomenological field of investigation of the ontology of space in the discipline, which translates the very meaning and the fundamental goal of a Geography on ontological-existential bases from the Heidegger's phenomenology-hermeneutics.

KEYWORDS: Geography, Ontology, Phenomenology; Heidegger.

1 | INTRODUÇÃO

O trabalho é dedicado à relação entre a Geografia e o pensamento de Heidegger, concentrando-se no problema da fundamentação ontológica desta ciência. Seu objetivo consiste em fomentar um resgate da investigação sobre a ontologia do espaço na Geografia a partir do modo específico com o qual o filósofo apreende a fenomenologia, notadamente, referido ao âmbito da *Ontologia fundamental* aspirada em “**Ser e Tempo**”, isto é, enquanto um *método fenomenológico* de investigação. Para tanto, buscará orientar a discussão através da exposição do *existencial ser-em* (In-sein) que viabiliza o acesso à interpretação fenomenológica do espaço enquanto fenômeno originário que, de acordo com o filósofo, corresponde ao *espaço existencial* que estaria à base de toda representação conceitual das ciências, que efetivam suas pesquisas através de uma determinação teórica específica sobre o espaço, como no caso do espaço geográfico na Geografia. A pesquisa proposta se justifica na medida em que incita uma via de problematização do assunto que, nos termos enunciados, permanece pouco desenvolvida nesta disciplina, não obstante a presença inequívoca de Heidegger e o interesse reiterado sobre a ontologia do espaço no debate atual na ciência geográfica.

O encaminhamento proposto traz à tona uma série de elementos que envolvem a interseção entre, por um lado, o modo com o qual a ontologia do espaço (enquanto tema) e o pensamento de Heidegger, (enquanto matriz da filosofia fenomenológica) foram assimilados e desenvolvidos no plano interno da Geografia, e; por outro lado, os condicionantes intrínsecos às diretrizes método fenomenológico de investigação, tal como o filósofo o considera. A relação entre esses âmbitos não é, como será possível constatar no que segue, uma relação simples, de tal forma que, em certa medida, uma interpretação teórica do assunto pode limitar ou, mesmo, obliterar a investigação fenomenológica pretendida.

Em razão do caráter problemático da relação entre a fenomenologia e a “teoria” (em

sentido amplo), bem como da prevalência do tratamento teórico dispensado ao assunto na Geografia, optou-se por considerar, num primeiro momento, um panorama sintético das principais vertentes do debate teórico sobre o assunto nesta disciplina. O propósito desta apreciação não tem em vista conduzir uma apresentação minuciosa do assunto na teoria da geografia, mas, ao contrário, será desenvolvida com um direcionamento bastante restrito, a saber: evidenciar, sobretudo, os elementos que revelam, de forma mais imediata, o caráter radicalmente diverso - em relação ao tratamento teórico - exigido por uma investigação fenomenológica, no sentido estrito considerado no texto.

Como será possível observar, a ênfase dispensada à interpretação do significado do *existencial ser-em* assenta-se na sua centralidade para a *analítica do ser-aí* humano que constitui, por sua vez, o procedimento básico através do qual a meta da *Ontologia fundamental* aspirada pelo filósofo em “**Ser e Tempo**”, a saber, a elaboração da questão sobre o *sentido de ser* foi efetivamente deflagrada no referido livro. Além disso, sugere-se que a exposição do *existencial ser-em*, enquanto experiência intrínseca à própria da *analítica do ser-aí* constitui um procedimento inerente à descrição fenomenológica do espaço como fenômeno originário e, nesse sentido, resguarda a interface entre a *Ontologia fundamental* aspirada pelo filósofo em “**Ser e Tempo**” e a pesquisa sobre as bases ontológico-existenciais na Geografia.

Por isso, a consecução do objetivo do presente trabalho, acima enunciado, articula-se, de forma ineludível com a necessidade de compatibilizar a própria meta da *Ontologia fundamental*, aspirada em “**Ser e Tempo**” e os condicionantes que lhes são intrínsecos, com a investigação sobre o problema da fundamentação ontológica na Geografia. Essa compatibilização assenta-se no reconhecimento de que o acesso ao espaço enquanto fenômeno originário implica não somente a legitimidade, mas, sobretudo - como já considerado em publicações precedentes (REIS; SANTOS; 2019; SANTOS; REIS, 2019) - o caráter imprescindível do geógrafo assumir a *analítica do ser-aí* como uma tarefa intransponível quando se trata de considerar a possibilidade de uma Geografia em bases ontológico-existenciais a partir do pensamento de Heidegger.

2 | A BASE TEÓRICA SOBRE ONTOLOGIA NA GEOGRAFIA: FONTE E DESAFIO PARA A PROBLEMATIZAÇÃO FENOMENOLÓGICA

A via de problematização sobre o assunto articula, basicamente, dois quadros referentes ao aporte bibliográfico: a bibliografia interna ao debate teórico sobre o assunto na Geografia; e, também, a bibliografia dedicada ao método fenomenológico de investigação em consonância ao pensamento de Heidegger. Entre esses dois enquadramentos bibliográficos vigora uma diferença de fundamental importância, que afeta diretamente a assimilação do método fenomenológico de investigação, tal como o filósofo o considera, notadamente, em “**Ser e Tempo**”. Porquanto a interlocução com Heidegger é diretamente convergente ao caráter de “método” - não obstante peculiar - com o qual o filósofo apreende

a própria fenomenologia, a exposição que se segue no presente item irá se concentrar na qualificação do assunto no debate teórico interno à Geografia, resguardando o diálogo com o aporte bibliográfico referido ao pensamento do filósofo ao item seguinte.

No que diz respeito ao aporte teórico desenvolvido sobre o assunto no plano interno da ciência geográfica foi observada a possibilidade de segmentá-lo em três “categorias” básicas: (i) publicações dedicadas à ontologia do espaço vinculados ao horizonte da Geografia crítica-radical; (ii) publicações dedicadas à ontologia sob influência do pensamento de Heidegger vinculados ao horizonte da Geografia humanista; (iii) publicações relativamente recentes que têm procurado fomentar um diálogo renovado entre a ciência geográfica com Heidegger, disponibilizando uma interpretação significativamente distinta da interpretação humanista do filósofo; bem como oferecendo subsídios para incitar uma “reabilitação” do problema da fundamentação ontológica do espaço na geografia, sob parâmetros diversos àqueles estabelecidos na Geografia crítica-radical ou no horizonte da Geografia humanista.

De modo geral, os trabalhos dedicados à ontologia do espaço, no contexto da Geografia crítica-radical – bem como das orientações teórico-metodológicas derivadas dessa vertente - estabeleceram um estatuto de resolução ontológica na Geografia segundo o qual *o ser é a sociedade* (HARVEY, 1980; SANTOS, 1978; SILVA, 1982; SOJA, 1991; MORAES, 1982). Tal como observado por Reis e Santos (2019; p. 175), o referido estatuto foi divisado sob influência direta do pensamento marxista, assumindo ampla penetração nesta ciência. O referido estatuto de resolução ontológica pode, além disso, se revelar de forma tácita ou expressa. Nesse último caso ele se verifica em formulações tais como “O ser é a sociedade total, o tempo são os processos, e as funções, assim como as formas são a existência [...]” (SANTOS, 1978; p. 218). A manifestação tácita dessa posição ontológica se apresentaria, por seu turno, através de toda pesquisa (teórica ou empírico-aplicada) tributária da noção de *produção social do espaço* - tendo em vista que essa noção constitui, precipuamente, um correlato da *resolução ontológica* segundo a qual *o ser* enquanto tal e, mais especificamente, *o ser do espaço geográfico* são socialmente determinados. Assim, *a determinação social do ser do espaço e produção social do espaço* constituem formulações equivalentes, no que diz respeito à fundamentação ontológica do espaço na Geografia crítica-radical. Assim, na medida em que no horizonte da Geografia crítica-radical vigora, de forma prevalente, um estatuto de resolução ontológica segundo o qual *o ser é a sociedade*, esse horizonte suprime, tacitamente, a necessidade de se levantar a questão sobre o *sentido de ser* e, por conseguinte, a diferença absolutamente central para o pensamento de Heidegger, a saber, a *diferença ontológica* entre *ser* e *ente*. Essa diferença, em função da determinação social do *ser*, torna-se inapreensível para o modo com o qual a Geografia crítica-radical considera a ontologia do espaço. Por extensão, a *questão do ser*, enquanto tal, não pode constituir um problema efetivo para essa vertente da Geografia. Não se trata de repreender esse encaminhamento assumido pela vertente

da crítica-radical na Geografia, mas, tão somente, de reconhecer que, por um lado, essa forma de tratar a ontologia do espaço já foi conquistada e está estabelecida na disciplina; e, por outro lado, conforme o que foi evidenciado acima, torna-se patente que se trata de uma perspectiva radicalmente diversa com a qual, através da fenomenologia de Heidegger, seria possível investigar o problema da fundamentação ontológica na Geografia.

Por sua vez, as publicações vinculadas ao horizonte humanista que consideram a ontologia na Geografia sob vinculação expressa à fenomenologia de Heidegger desenvolveram um tratamento bastante peculiar ao assunto, em função da interpretação (insólita) *humanista* dispensada ao filósofo (SANTOS, 2017). Destaque-se, nesse sentido, uma citação do livro “**O Homem e a Terra**”, de Eric Dardel, publicado em 1952 e reiteradamente reverenciado como precursor da Geografia humanista, mais especificamente uma passagem reservada à exposição da concepção de espaço geográfico esposada pelo referido geógrafo:

[...] Esse espaço material não é, de forma alguma, uma ‘coisa’ indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana. Uma região montanhosa não é, antes de tudo, uma região que obstrui a circulação dos homens? A planície só é ‘vasta’, a montanha só é ‘alta’, a partir da escala humana, à medida de seus desígnios. (...). *Antropocentrismo, dirão! Mas é necessário tomar partido: fora de uma presença humana atual ou imaginada, não há nem mesmo a geografia física, somente uma ciência vã. O antropocentrismo não é uma imperfeição, mas uma exigência inelutável* (DARDEL, 2011, p. 8, grifo nosso).

A passagem acima atesta que o caráter precursor de Dardel para a assimilação de Heidegger na ciência geográfica e da influência inequívoca do filósofo no livro “**O Homem e a Terra**” não constituem, de modo algum, uma garantia de uma interpretação convergente às resoluções básicas do pensamento do filósofo. Isto, pois, na medida mesma em que o *antropocentrismo*, exortado pelo geógrafo, constitui um correlato do *humanismo* e, por sua vez, o humanismo foi considerado pelo próprio Heidegger como tributário de um modo de pensar o homem que inviabiliza o acesso à “experiência fenomenológica” que o filósofo procurou promover em “**Ser e Tempo**” - sob estrita filiação ao método fenomenológico de investigação (§.7) - deve estar claro, em suma, em que medida a proveniência da interpretação humanista de Heidegger na Geografia é problemática. Contudo, esse perfil de interpretação humanista do filósofo foi assumido de maneira insuspeita entre os Geógrafos humanistas, constituindo uma chave interpretativa que se reproduziu décadas a fio, como é possível reconhecer de forma cabal na passagem abaixo, extraída do prefácio da edição brasileira do livro publicado em 2011:

[...] O que o leitor possui em mãos é o mais bem acabado ensaio para uma geografia fenomenológica. O pioneirismo quase visionário de Dardel ainda não foi superado em uma tão bem composta reflexão da natureza da relação da Geografia com a Fenomenologia, fundando, em última análise, uma outra

forma de se entender a ciência geográfica. (...).

E não poderia chegar em melhor momento. Nas duas últimas décadas o interesse pela reflexão espacial na filosofia tem crescido grandemente, junto com a preocupação epistemológica e (embora mais tímida) ontológica. (...). Autores como *Martin Heidegger* e Gaston Bachelard têm sido evocados como fundamentais para uma filosofia do espaço, (...). Dardel bebeu tanto de um quanto de outro, além de outros filósofos fenomenologistas (...).

Por esses e tantos outros motivos, entendo que a tradução brasileira de *O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica* é um presente para nossas bibliotecas, vindo enriquecer e movimentar *um conjunto de discussões que tem carecido de um olhar humanista que coloque o homem como motivação e parâmetro para a ciência. Não uma ciência antropocêntrica. Uma ciência humanista em seu sentido amplo: fazendo crescer e prosperar tudo que é próprio do ser humano. E se Homem e Terra são uma coisa só, como pensa Dardel, então não há nada mais humanista do que pensar nas relações essenciais que nos ligam a tudo que nos cerca* (MARANDOLA JR., 2011; pp. xi – xiv; grifo nosso).

Impressiona, na citação acima, constatar que o prefaciador não somente entra em franca contradição com a concepção de ciência esposada por Eric Dardel (tendo em vista que a contundência da exortação ao antropocentrismo pelo geógrafo francês deixa pouca margem para dúvidas), mas, sobretudo, a citação é reveladora do perfil dominante da interpretação de Heidegger na Geografia humanista: trata-se de uma via não somente diversa, mas, sobretudo, inconciliável com a “posição” que o próprio filósofo manifestou sobre o humanismo. É instigante observar nesse sentido que na citação acima o prefaciador consegue, numa única passagem, entrar simultaneamente em contradição com o autor do livro (Eric Dardel) e também com o filósofo (Heidegger). Isto, pois, a concepção antropocêntrica da ciência exortada por Dardel é denegada, no prefácio do livro, em favor de uma concepção humanista que, supostamente, seria compatível com a fenomenologia de Heidegger. Assim, através desses equívocos multiplicados se difunde, entre os geógrafos, não somente uma interpretação crassamente equivocada da fenomenologia de Heidegger, mas, além disso, essa mesma interpretação é sugerida como um modelo a ser seguido (“...o mais bem acabado ensaio para uma geografia fenomenológica”). Ao que é dado depreender, a razão que justificaria essas contradições observadas no prefácio do livro estaria assentada, tão somente, na apologia institucional da Geografia humanista, função da qual seria concedida a licença para desconsiderar tanto o conteúdo da concepção da ciência reclamada por Dardel, quanto, igualmente, do conteúdo da fenomenologia em Heidegger. A citação serve, ainda, para ilustrar, de forma lapidar, os atributos destacados por Gomes (1996), como típicos da Geografia humanista-fenomenológica: ecletismo e ambiguidades. Não se trata – ratifique-se - de se levantar uma objeção obtusa à Geografia humanista *em geral* e, tampouco, ao ecletismo que característico da vertente humanista na Geografia, mas de problematizar as consequências que, particularmente, a leitura humanista pode exercer quando se trata da assimilação de uma orientação estrita da

fenomenologia, como se torna patente no caso de Heidegger. A difusão da leitura humanista do filósofo é, contudo, a consequência mais evidente do equívoco que ela promove e que, assim, se difunde de maneira insidiosa na disciplina, como atestam – dentre tantos exemplos – publicações que propõem expressamente contribuir à ciência geográfica “[...] pela perspectiva da geografia humanista de base fenomenológica e através dos escritos de Martin Heidegger [...]” (OLIVEIRA, 2017, p. 63, grifo nosso). Esse equívoco não afeta apenas a formação atual dos geógrafos, mas acomete também pesquisadores experientes na epistemologia da disciplina, como no caso de Oswaldo Bueno A. Filho, para quem, o “[...] crescimento dos estudos humanista-culturais, que desvelam a condição dos seres-em-situação, tal como preconizado por Heidegger e seus continuadores [...]” (AMORIM FILHO, 2018 *apud* MARANDOLA JR., 2021, grifo nosso), encerraria uma assimilação plausível do filósofo nesta ciência. A associação insólita do pensamento “heideggeriano” com o humanismo constitui, contudo, tão somente a epiderme de toda uma carga de extravios mais profundos que deturpam elementos básicos da fenomenologia de Heidegger e, assim importados para Geografia, comprometem de forma aguda a própria inteligibilidade do filósofo entre geógrafos. Essa deturpação incide, até mesmo, sobre contribuições que teriam denunciado e suplantado o problema da interpretação humanista de Heidegger na Geografia já desde meados da década de 1980, como no caso da contribuição de Pickles (1985), nos termos já considerados por Reis; Santos (2019) – embora para considerar o teor dessa deturpação seja necessário desenvolver uma análise mais minuciosa, que se pretende fazer ulteriormente.

Os traços básicos do tratamento dispensado ao assunto na Geografia humanista, sumariamente arrolados acima, incitou o surgimento de publicações dotadas de um escopo diverso. Trata-se de publicações que têm procurado encetar um diálogo renovado entre a ciência geográfica com a fenomenologia de Heidegger e, através desse esforço, fomentam uma interpretação significativamente distinta da interpretação humanista; bem como incitam uma “reabilitação” do problema da fundamentação ontológica do espaço na geografia (PICKLES, 1985; ELDEN, 2001; 2005; JORONEN, 2010; REIS; SANTOS, 2019) sob um parâmetro diverso àquele estabelecido na Geografia crítica-radical. É nesse “nicho bibliográfico” que o presente trabalho encontrou subsídios para endossar a perspectiva de problematização enunciada em sua introdução, qual seja: fomentar uma investigação ontológica do espaço na Geografia através da fenomenologia de Heidegger. Essa orientação esposa uma perspectiva de investigação do assunto que já tem sido desenvolvida por um “projeto” de pesquisa que articula uma série de trabalhos precedentes (REIS; SANTOS 2019; SANTOS; REIS, 2018; 2019; ZADOROSNY, 2018; REIS, 2009; 2012). O foco que o presente trabalho dedicará à exposição do *existencial ser-em* é derivado dessa perspectiva mais ampla e, por isso, observou-se importante qualificá-la, uma vez mais, no presente trabalho. Desta maneira, conforme registrado em publicação precedente, a perspectiva geral no bojo da qual o presente trabalho se inscreve, se efetiva a partir do entendimento

segundo o qual,

[...] a reabilitação do problema da fundamentação ontológica constitui o foco sobre o qual uma ciência específica – a geografia, por exemplo – deveria se restringir, a fim de permitir que o elemento propriamente fenomenológico do pensamento de Heidegger possa ser conquistado e aberto ao desenvolvimento em uma ciência. O primeiro passo, no sentido dessa reabilitação, consistiria em legitimar a imprescindibilidade do geógrafo assumir a analítica do ser-á (procedimento que constitui a fonte da elaboração da questão acerca do sentido do ser na ontologia fundamental de Ser e Tempo) antes das requisições que lhe são usualmente atribuídas, notadamente nas esferas da pesquisa aplicada ou epistemológica. Quando se considera o modo com o qual se efetivou na ciência geográfica tanto a reflexão ontológica quanto, sobretudo, a assimilação do pensamento de Heidegger a posição [perspectiva] acima esposada não é, de modo algum, evidente (REIS; SANTOS, 2019)

É, assim, através da perspectiva mais geral, evidenciada acima, que o presente trabalho tem em vista contribuir para uma Geografia em bases ontológico-existenciais, cujos elementos básicos serão desenvolvidos no próximo item.

3 | GEOGRAFIA EM BASES ONTOLÓGICO-EXISTENCIAIS ATRAVÉS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO DE HEIDEGGER: O SIGNIFICADO DO *EXISTENCIAL SER-EM*

O propósito de desenvolver, a partir do pensamento de Heidegger, uma investigação sobre o problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia concentrando-se, basicamente, na exposição do *existencial ser-em* constitui, necessariamente, uma forma de legitimar a abertura de um *campo de investigação fenomenológico* das bases ontológico-existenciais desta ciência. Daí, apreender, ainda que em seus traços mais básicos, o sentido de *método* que Heidegger imputa à fenomenologia, sobretudo no âmbito da *Ontologia fundamental* aspirada em “**Ser e Tempo**” é absolutamente indispensável ao presente texto. A peculiaridade, contudo, do modo com o qual o filósofo apreende a fenomenologia enquanto *método* está diretamente relacionada à peculiaridade do “assunto” que foi investigado em “**Ser e Tempo**”, a saber, a *questão do sentido de ser em geral*. Por isso, a peculiaridade de ambos, isto é, do *método fenomenológico* e da *questão do sentido de ser* requisitam-se mutuamente, numa dinâmica de auto exposição, instaurado desde o primeiro parágrafo de “**Ser e Tempo**” e se mantém sustentando todo o escopo da *Ontologia fundamental*. Por isso, a rigor, somente através de uma investigação ontológica concreta torna-se, de fato, inteligível o sentido de método *estrito senso* que a fenomenologia possui para Heidegger. No presente trabalho, a própria delimitação do escopo com o qual a pesquisa recorre à fenomenologia resguarda a concretude da investigação proposta, bem como seus limites, enunciados desde o título, a saber: a pesquisa tem como foco a exposição do *significado do existencial ser-em para a descrição fenomenológica do espaço em “Ser e Tempo”*, tendo em vista, precipuamente, contribuir para a *investigação das bases*

ontológico-existenciais da Geografia. Não se trata, portanto, absolutamente de aspirar a reprodução da fenomenologia “heideggeriana” *per si* nesta ciência, procurando estabelecer correlações e analogias formais entre as formulações do filósofo que, supostamente, diriam respeito à conceptualidade ou a alguma questão de método específico desta disciplina – de modo algum. Trata-se, antes, de aspirar as diretrizes do método fenomenológico de investigação *enquanto geógrafo* e, através da assimilação dessas diretrizes, ter em vista a repercussão efetiva dessa “orientação filosófica” especificamente direcionada para o problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia. Assim, não obstante a requisição direta ao método fenomenológico de investigação e a necessidade de arcar com a integralidade das implicações que essa requisição impõe para preservar a consistência do próprio método, isso não significa, de forma alguma, uma desarticulação e autonomização na lida com a fenomenologia em relação à Geografia.

Não obstante as ponderações acima, acerca da indicação dos limites estritos com os quais o trabalho é orientado, há elementos básicos do pensamento do filósofo que, a princípio - em função do seu caráter geral - não revelariam uma convergência direta com o propósito estrito do trabalho, mas, ainda assim, não poderiam ser preteridos, na medida em que não considera-los comprometeria, desde à base, a assimilação de elementos absolutamente irreduzíveis à própria consistência da interpretação do pensamento do filósofo a partir de uma ciência particular. O reconhecimento desses condicionantes impõe, necessariamente, uma exposição relativamente seletiva dos elementos mais gerais e básicos de seu pensamento, sem os quais a orientação específica do presente trabalho (o foco no existencial *ser-em* com vistas à descrição fenomenológica do espaço), absolutamente, não se sustentam. Resta, pois, trazer à tona esses elementos básicos procurando, tanto quanto possível, remetê-los à problemática específica do presente texto.

Para tanto buscar-se-á seguir uma “sistemática” que irá priorizar uma sequência de exposição de dois elementos básicos, cujo encadeamento necessário viabiliza o acesso ao *existencial ser-em*. Quanto a isso, não há dúvida que a necessidade de “*retomada*” da *elaboração da questão sobre o sentido de ser* constitui o elemento mais irreduzível que atravessa a integralidade do pensamento de Heidegger. Assim sendo, o próprio interesse de se estabelecer uma interlocução com o filósofo, a partir de uma ciência específica, deve estar assentada no nexa que a referida questão possui com a investigação científica, na medida em que esse nexa corresponderia à intersecção entre o pensamento do filósofo e a (s) ciência(s), resguardando o elemento comum entre eles. Desse modo, seria afastado o risco de se preterir o âmbito próprio da ciência em favor do questionamento filosófico ou vice-versa. Quando se acompanha, por sua vez, o modo com o qual o próprio filósofo desdobra a questão cardeal de seu pensamento, acerca do *sentido de ser* constata-se, desde a *Introdução* de “**Ser e Tempo**” que, embora o escopo da referida questão não tenha precipuamente em vista um programa filosófico voltado ao âmbito da fundamentação ontológica das ciências, esse âmbito não somente não é incólume às repercussões que a

“reabilitação” da questão sobre o *sentido de ser* suscita, como, além disso, a elaboração concreta da retomada desta questão pelo filósofo traz expressamente à tona a possibilidade de fomentar a pesquisa sobre a fundamentação ontológica nas ciências.

Imediatamente associado à necessidade de “retomar” a elaboração da *questão sobre o sentido de ser*, destaca-se um segundo elemento irreduzível ao pensamento do filósofo: a *analítica do ser-aí* constitui o fio condutor a partir do qual deve ser iniciada uma investigação fenomenológica concreta da questão sobre o *sentido de ser*. Esse direcionamento para a *analítica do ser-aí* assenta-se, por um lado, na constatação de que o “ser é sempre o ser de um ente” e, por outro lado, na demonstração (conduzida por Heidegger) de que o *ser-aí* destaca-se - na totalidade dos entes - como o ente insigne na medida em que sua própria existência implica uma relação intrínseca de abertura à *compreensão de ser*, o que corresponde, para o filósofo, ao “*primado ôntico-ontológico do ser-aí*” na colocação da *questão sobre o sentido de ser*.

As implicações dos elementos básicos acima referidos irão afetar toda interlocução com o pensamento do filósofo que se desenvolva a partir de uma ciência particular. Isso por uma razão que se revela tão evidente quanto impositiva, qual seja: todo o diálogo encetado com o filósofo, a partir de uma ciência particular, implica, compatibilizar o âmbito da investigação científica com, (i) a necessidade de “retomar” a elaboração da *questão sobre o sentido de ser* e, (ii) assimilar a *analítica do ser-aí* (como fio condutor da “retomada” da questão cardeal, em função do *primado ôntico-ontológico do ser-aí*). A consequência desses *condicionantes* conflui, por sua vez, para à perspectiva esposada e enunciada desde a introdução do presente trabalho, a saber: a “*reabilitação*” do problema da fundamentação ontológica constitui o foco sobre o qual, uma ciência específica deveria se restringir, para que o elemento propriamente fenomenológico do filósofo possa ser conquistado e aberto ao desenvolvimento consistente em uma ciência. Desse modo, somente perfazendo a tarefa da elaboração da *questão sobre o sentido de ser*, seguindo estritamente o fio condutor da *analítica do ser-aí*, intrínseco ao “*primado ôntico-ontológico do ser-aí*” torna-se efetivamente possível assimilar as formulações da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger, preservando-lhes a consistência fenomenológica que lhes são próprias.

A importância dessa sucessão de advertências, desenvolvidas acima, não é de bitarria de um formalismo metodológico ou de um enlevo de interpretação ortodoxa do filósofo. Ela possui desdobramentos dotados de uma concretude efetiva, no que respeita à assimilação das diretrizes do método fenomenológico, dentre os quais um se destaca de modo saliente, a saber: não faz sentido algum recorrer, a partir de uma ciência específica, à fenomenologia “heideggeriana” com o propósito de detectar, em sua vasta obra, formulações “conceituais” que, supostamente, seriam convergentes à conceptualidade de uma determinada ciência e, assim, transpor as formulações “heideggerianas” para o debate teórico-metodológico ou epistemológico de uma ciência. Através desse tipo de encaminhamento – que, a propósito, é muito recorrente – o que se verifica é uma assimilação meramente formal que, via de

regra, redundando numa retórica vazia, que se efetiva pela analogia formal entre o arcabouço categorial de uma disciplina com as formulações do filósofo. Dito de forma mais direta e, também, tendo em vista o caso específico da Geografia: não faz sentido encetar um diálogo com Heidegger procurando extrair de sua vasta obra noções que, a princípio, seriam convergentes à Geografia, porquanto resguardariam um nexos com a “dimensão geográfica” ou espacial da “realidade”. Transpor, por exemplo, as noções de “lugar”, “região”, “habitar”, “*ser-no-mundo*” - e, em relação ao que diz respeito de forma mais direta ao presente trabalho, “*ser-em*” e “espaço existencial” para a ciência geográfica, sem divisá-las em consonância com o sentido que essas formulações possuem para a questão cardeal do filósofo sobre o *sentido de ser* através da condução da *analítica do ser-aí* constitui o caminho mais imediato para transfigurar o sentido mesmo dessas formulações e, por conseguinte, esterilizar o diálogo com o filósofo. De outra forma, é tendo em vista as ponderações arroladas acima que as diretrizes do método referidas em “**Ser e Tempo**” preservam sua consistência propriamente fenomenológica. É nesse sentido que se torna possível, por sua vez, apreender assertivas pontuais do filósofo tais como: “[...] *A ontologia só é possível como fenomenologia [...]*” (HEIDEGGER, 2006; p.75, grifo nosso) na medida mesma que a “[...] *fenomenologia é a ciência do ser dos entes – é ontologia [...]*” (HEIDEGGER, 2006; p.77, grifo nosso) e, por isso, a *analítica do ser-aí* constitui “[...] *o primeiro desafio à elaboração da questão do ser [...]*” (HEIDEGGER, 2006; p.54, grifo nosso), tanto quanto... “*É por isso que se deve procurar, na analítica existencial do ser-aí, a ontologia fundamental de onde todas as demais podem originar-se [...]*” (HEIDEGGER, 2006, p.49), o que incluiria, sob essa orientação, a ontologia do espaço na ciência geográfica. Igualmente, com base no que foi expresso, torna-se possível encaminhar a exposição do significado do *existencial ser-em*, enquanto momento da *analítica do ser-aí*, associada à descrição do fenômeno *ser-no-mundo*, na medida em que os argumentos precedentes forneceriam subsídios para uma interpretação consoante ao significado fenomenológico que essas formulações possuem e, assim, esse significado pode ser preservado e direcionado ao problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia, sob a via do pensamento de Heidegger. Nesse sentido, é sobretudo oportuno ao propósito do presente trabalho destacar que um dos primeiros movimentos que conduzem a “*retomada*” da elaboração da *questão sobre o sentido de ser*, na *Ontologia fundamental*, em “**Ser e Tempo**” que se segue imediatamente à identificação do *primado ôntico-ontológico do ser-aí* se efetiva, de saída, através da descrição do fenômeno *ser-no-mundo*, descrição esta que envolve,

1 No presente trabalho optou-se pela tradução de *Dasein* por *ser-aí*, considerada mais adequada para o debate atual na pesquisa brasileira em geografia sobre o assunto. Por isso, embora o presente trabalho utilize a edição brasileira de “**Ser e Tempo**”, em que *Dasein* foi traduzido por *presença*, nas passagens citadas de “**Ser e Tempo**”, inserimos essa alteração e as adequações correspondentes. Essa opção ponderou, igualmente, as justificativas para a tradução de *Dasein* por *presença* (prefácio da edição revisada de “**Ser e Tempo**”, em 2006, feito pela tradutora Márcia Schuback); bem como as justificativas para traduzir *Dasein* por *ser-aí*, apresentadas por Marco Casanova na tradução de diversos livros do filósofo expostas, de forma mais detida e sistemática, na apresentação da tradução brasileira do livro de Heidegger intitulado “**Introdução à Filosofia**”.

preliminarmente, a exposição do *existencial ser-em* que precede a descrição do fenômeno da *mundanidade do mundo*. Esse primeiro movimento da *analítica existencial* assenta-se na equivalência estabelecida pelo filósofo entre *ser-aí* como *ser-no-mundo* de tal forma que o “*aí*” constitui um correlato ao *mundo*, enquanto o “*ser-no*” que compõe a integralidade do *ser-no-mundo* demanda um esclarecimento acerca do *ser-em* enquanto um *existencial* constitutivo ao *ser-aí* (ek-sitência). Importa, em função do propósito do presente trabalho, concentrar e restringir a exposição subsequente à exposição do *existencial ser-em* e, para tanto, é estritamente pertinente acompanhar o modo com o qual o próprio filósofo elabora e responde expressamente a pergunta acerca do significado desse *existencial*:

O que diz ser-em? De saída, complementamos a expressão dizendo: ser ‘em um mundo’ e nos vemos tentados a compreender o ser-em como um estar ‘dentro de’. Com esta última expressão, designamos o modo de ser de um ente que está num outro, como a água está no copo, (...). Com este ‘dentro’ indicamos a relação recíproca de ser de dois entes extensos ‘dentro’ do espaço, no tocante a seu lugar neste mesmo espaço. (...). Ser simplesmente dado ‘dentro’ do que está dado, ..., no sentido de uma determinada relação de lugar, são *caracteres ontológicos que chamamos de categorias*. Tais caracteres pertencem ao ente não dotado do modo de ser do *ser-aí* (Dasein). O ser-em, *ao contrário*, significa uma constituição de ser do *ser-aí* e é um *existencial*. Com ele não se pode pensar no ser simplesmente dado de uma coisa corpórea ‘dentro’ de um ente simplesmente dado. O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está espacialmente ‘dentro de outra’ porque, em sua origem o ‘em’ não significa de forma alguma uma relação espacial dessa espécie; ‘em’ deriva-se de *innan-*, morar, habitar,...; ‘an’ significa: estou acostumado a,..., familiarizado com,...; possui o significado de colo, no sentido de hábito e diligo [...]. (HEIDEGGER, 2006. p,100; grifos nossos)

O sentido da citação acima, mais do que expor uma definição do *existencial ser-em*, é reveladora de que a experiência característica ao pensamento fenomenológico, ao menos no sentido que Heidegger lhe atribuiu, implica na distinção entre duas modalidades de caracteres ontológicos fundamentais: os *existenciais* e as *categorias*. Desse modo, uma condição para a interpretação do significado da noção de *ser-em* envolve uma elucidação do teor característico da noção de *existencial* que, a propósito, é evocada desde o título do trabalho sem que, até o momento, tenha sido devidamente qualificada. De forma sintética, os *existenciais* correspondem a um tipo de formulação conceitual consoantes à análise e descrição fenomenológica do *ser-aí*, que constitui o ente dotado do *primado ôntico-ontológico* para a elaboração da questão do *sentido de ser* e, assim, exigem uma conceptualidade distinta em relação aos demais entes que não possuem o caráter de *ser-aí* que, por isso, podem ser determinados através da interpelação categorial característica dos conceitos lógico-formais. É nesse sentido que o filósofo sublinha, reiteradamente, desde a Introdução de “**Ser e Tempo**” a distinção entre *existenciais* e *categorias*, tal como se verifica na seguinte passagem: “[...] *Denominamos os caracteres ontológicos do ser-aí de existenciais porque eles se determinam a partir da existencialidade. Estes devem*

ser nitidamente diferenciados das determinações ontológicas dos entes que não tem o modo de ser do ser-aí, os quais chamamos de categorias” (HEIDEGGER, 2006, p. 88, grifo nosso). Nesse sentido, enquanto *existencial* a formulação *ser-em* refere-se a um modo de ser do *ser-aí*, ou como explicita o filósofo:

[...] O ser-em, ao contrário [do modo de ser dos entes que não possuem o caráter de ser-aí], significa uma constituição do ser-aí e é um existencial. Com ele, portanto, não se pode pensar no ser simplesmente dado de uma coisa corpórea (o corpo vivo do humano) ‘dentro’ de um ente simplesmente dado. (HEIDEGGER, 2006, p. 100, grifo nosso).

Assim, pois, de acordo com o filósofo, os entes que podem ser determinados como estando “dentro” de algo são dotados de um modo de ser radicalmente distinto do *ser-aí*:

*[...] Esses entes que podem ser determinados como estando um ‘dentro’ do outro, têm o modo de ser do que é simplesmente dado, como coisa que ocorre ‘dentro’ do mundo. Ser simplesmente dado ‘dentro’ do que está dado, o ser simplesmente dado junto com algo dotado do mesmo modo de ser, no sentido de uma determinada relação de lugar, são caracteres ontológicos que chamamos de *categorias*. Tais caracteres pertencem ao ente não dotado do modo de ser do ser-aí.* (HEIDEGGER, 2006, p. 99-100, grifo nosso).

É por isso que, em consonância com o exposto na passagem acima, a mera “importação” das noções contidas na obra de Heidegger para o plano interno das ciências, que se efetivam através da analogia formal entre os conceitos de uma ciência e as formulações contidas no pensamento do filósofo conduzem, reiteradamente, a uma interpretação via de regra equivocada. Isso se verifica na medida em que através dessa lida a tendência é imputar uma interpretação categorial – característica da pesquisa científica aplicada – às formulações que, precipuamente, constituem *existenciais*. Sob essa via, os correlatos conceituais que a *analítica do ser-aí* manifestam para ciências tais como a antropologia, a psicologia, a sociologia, a biologia, etc, passam ao largo do significado que, efetivamente, eles possuem enquanto *existenciais* (*ser-aí; ser-no-mundo; ser-com; ser-em*; etc), e que poderiam, de modo consistente, amparar uma investigação das bases ontológico-existenciais das ciências. Essa interpretação não somente extravia o diálogo profícuo entre as ciências e a fenomenologia de Heidegger como, via de regra, tende mesmo a obstruir o que poderia ser considerado fecundo nessa interlocução.

No caso da ciência geográfica, a tendência de extravio ou obstrução se efetiva pela interpretação categorial de formulações que estão à base da própria gênese da *analítica do ser-aí*, tais como, notadamente, a própria interpretação da partícula “*aí*”, contida no *ser-aí*, tanto quanto, igualmente, na assimilação da noção de *ser-no-mundo* e, no bojo desta, do *existencial ser-em* e da noção de espaço como fenômeno originário que lhe corresponde. Por ser recorrente a tendência de interpretação categorial inadvertida dos *existenciais*, a literatura dedicada à interpretação do pensamento do filósofo constitui uma fonte fecunda no sentido de fornecer advertências quanto a esse problema. Nesse sentido, a passagem

abaixo é lapidar:

“[...] Heidegger, em *Ser e Tempo*, fala da estrutura ser-no-mundo para dizer a constituição,...., da vida humana ali denominada *Dasein* [ser-aí]. (...). Em geral, deparamos com isso,...., com essa estrutura ser-no-mundo, e se diz: ‘Ah, isso é bom! Bom e intuitivo! É mesmo evidente! Entendo! É fácil entender e olhando bem, está na ordem das verdades imediatas.

Mas,, pode-se perguntar: Será? Será mesmo?! Esse óbvio, fácil, evidente – o que estará sob ele? Seria este óbvio o obstáculo, a trava maior para a visualização do fenômeno, da experiência que pulsa sob aquela formulação? (...).

Se examinarmos bem nossa compreensão imediata ou habitual desta formulação: ‘O homem, a vida ou a existência humana, é ser-no-mundo’, nos daremos conta que partimos de um hábito, de um vício,...., que é ser como habitualmente se é. (...). É justamente para fora desse hábito que nos convida a filosofia, aqui, agora, no caso, pela via da formulação [ser-no-mundo] anunciada. [...].

E o vício ou hábito aludido é o seguinte: frente à frase, de modo vago, indeterminado, sem formulação ou explicitação, representa-se, pensa-se,...., homem como um algo já dado, feito ou constituído, quer dizer, já fixado, seja como um eu, ou como uma alma [para a psicologia], ou como um indivíduo,, em suma, como um sujeito e este tipo,...., a saber, este ‘eu’, ou ‘pessoa’,...., ou ‘alma’ – enfim, esta subjetividade se abre, se volta (...) para o seu redor, para o que está à sua volta e que é, deve ser a somatória das coisas que o circundam (espaço) e que, oportunamente, se denomina mundo. Portanto, falsifica-se ou obstaculiza-se a experiência pulsante na formulação mencionada, seja porque se preconcebe-se o homem, como um algo,, seja porque se imagina ou preconcebe-se mundo como *o conjunto, o somatório indefinido, pardo, cinzento de todas as coisas, ou ainda em razão de ambos os motivos ao mesmo tempo* – o que de fato, sempre se dá.

O que a formulação, na verdade, quer dizer, é mais ou menos o seguinte: um eu,, uma consciência, etc..., enfim, um ou algum homem constituído (um sujeito ou uma subjetividade determinada) é isso que assim aparece, porque *antes é*, dá-se ou faz-se a estrutura *ser-no-mundo*. Esta é o que sempre já se deu (...). Ou seja, o homem, todo ou qualquer tipo já constituído, é coisa tardia, epígona (FOGEL, 2015; p. 17 – 18; grifo nosso).

A passagem acima capta, de maneira estrita, a tendência interpretativa que acometeu a assimilação do pensamento de Heidegger, a pretexto de fornecer uma base fenomenológica para a ciência geográfica, no contexto da Geografia humanista: uma interpretação não somente tributária de uma concepção subjetiva da *existência* humana, mas, inclusive, do significado estrito da terminologia cunhada pelo filósofo, para conduzir à retomada da questão sobre o *sentido de ser*, notadamente referida à interpretação da estrutura *ser-no-mundo*, que se prestou a toda sorte de interpretação subjetivista, humanista e antropocêntrica na Geografia – esposando um significado, portanto, radicalmente oposto àquele aspirado pelo filósofo, como a passagem do comentador acima citada ratifica. Pela relevância e convergência que resguarda ao propósito do presente texto, cabe trazer à

tona, no mesmo sentido, a passagem abaixo extraída de uma publicação de um autor que se notabilizou pela tradução, respectivamente, interpretação da obra de Heidegger para o português:

“Ser, para o homem, já sempre implica se ver abruptamente jogado no mundo enquanto campo histórico de possibilidades específicas. Mundo é o horizonte de manifestabilidade dos entes enquanto tais na totalidade (...). A questão, com isto, passa a ser descrever propriamente tal horizonte e mostrar em que medida ‘as determinações de ser do ser-aí precisam ser vistas e compreendidas, então, a priori com base na constituição ontológica, que é denominada ser-no-mundo’. No que concerne a essa expressão [ser-no-mundo], Heidegger se apressa em estabelecer uma distinção primária. Em verdade, *ao escutarmos a expressão ‘ser-no-mundo’, nós imediatamente nos movimentamos em um registro conceitual que transgride simplesmente a distinção entre o ente dotado de caráter de presença à vista e o existente* [ser-aí]. Na sua determinação mais imediata, a expressão ser-no-mundo parece dizer algo assim como um estar dentro do mundo, tomando mundo a princípio como um recipiente e o homem como conteúdo. (...). O problema dessa determinação é que ela desconsidera o fato de que a relação entre o existir e o mundo [para Heidegger] não é uma relação entre dois entes presentes à vista, entre dois entes por si subsistentes previamente dados. Tal relação, que Heidegger denomina categorial, é incompatível com o caráter existencial do ser-aí humano. *Mundo não é uma coisa mais extensa do que o ser-aí, mundo é o correlato intencional do existir em sua ekstase originária*. Assim, para que se possa radicalmente ir ao encontro do sentido propriamente do mundo, é necessário desde o princípio pensar o “em” que liga ser e mundo como um *existencial* e não como uma categoria. (CASANOVA, 2015; p. 17 – 18, grifo nosso).

A passagem acima revela, ainda que de forma pontual, a convergência que uma interpretação fenomenológica do *existencial ser-em* (que implica na assimilação da formulação *ser-no-mundo* através da *analítica do ser-aí*) resguarda com o problema da relação *homem-meio* (sociedade-natureza) na Geografia. Trata-se de uma via radicalmente distinta, entretanto, do modo com o qual a Geografia crítica-radical trata o assunto, através de seu estatuto de resolução ontológica. Isso porque no seu estatuto de resolução ontológica o *ser* é socialmente determinado; e, da mesma forma, constitui uma via distinta daquela que, em geral, a Geografia humanista tratou o assunto, por uma interpretação humanista de Heidegger, procurando valorizar a subjetividade e experiência subjetiva do espaço - o quê, conforme o desenvolvimento do texto evidenciou, encerra uma via não apenas distinta do modo com o qual o filósofo compreende a relação do *ser-aí* humano com o espaço, mas, antes, constitui uma via, em certa medida, obstrutiva à inteligibilidade da forma com a qual seria possível pensar o assunto a partir do filósofo.

4 | RESULTADO E DISCUSSÕES

Com base no desenvolvimento do presente trabalho, tornou-se patente que o tratamento dispensado à ontologia do espaço na Geografia crítica-radical e a assimilação

do pensamento de Heidegger na Geografia humanista passam ao largo de elementos básicos do pensamento de Heidegger, dentre os quais destacam-se a necessidade de se considerar, na interlocução com o filósofo, o problema da *diferença ontológica* entre *ser* e *ente* e, através disso, “reabilitar” o problema da fundamentação ontológico-existencial de uma ciência. Sob esse encaminhamento se impõe, de modo incontornável, a necessidade do geógrafo assumir a *analítica do ser-aí* como procedimento básico do método fenomenológico em Heidegger e, por conseguinte, da tarefa para a qual ela foi formulada, a saber: retomar a elaboração concreta da questão sobre o *sentido de ser*. A *analítica do ser-aí*, por sua vez, revela-se, desde o seu primeiro movimento de análise, frontalmente incompatível com qualquer concepção prévia acerca da existência humana e, por isso, requisita uma experiência de pensamento radicalmente incompatível com qualquer modalidade de humanismo.

O presente texto procurou contribuir para o entendimento do assunto, apontando a possibilidade de uma interlocução profícua com o filósofo direcionando-a para o problema da fundamentação ontológica do espaço geográfico. Esse direcionamento, como foi observado, pode ser desenvolvido, a princípio, por uma interpretação do *existencial ser-em*, que constitui o fio condutor para o acesso à assimilação do *espaço existencial* em “**Ser e Tempo**”. Para tanto, contudo, foi constatado a imposição de uma condição *sine qua non*, a saber: que o geógrafo assuma a *analítica do ser-aí* como um procedimento incontornável, sem o qual não é absolutamente possível divisar uma interpretação fenomenologicamente consistente do pensamento do filósofo, dentre as quais está diretamente implicada a diferença radical vigente entre o significado das *categorias* e dos *existenciais*, que aponta para a diferença ontológica entre *ser* e *ente*. A interpretação fenomenológica do *ser-em* é trazida à tona na própria gênese da *analítica do ser-aí*, principiada pela equivalência entre *ser-aí* como *ser-no-mundo*, cuja análise e descrição fenomenológica se efetiva pela interpretação do *existencial ser-em*, enquanto “elemento” intrínseco do fenômeno *ser-no-mundo*. O acompanhamento dessa análise e descrição fenomenológica impõe, por conseguinte, a própria experiência de pensamento do *ser-em* enquanto *existencial*. Portanto, sem fomentar essa experiência entre os geógrafos não é possível desenvolver na ciência geográfica uma investigação sobre a fundamentação ontológico-existencial do espaço, bem como os desdobramentos profícuos que seriam decorrentes dessa investigação. Tendo em vista a presença que se poderia considerar, de modo geral, *periférica* ou residual que a *analítica do ser-aí* integra o debate contemporâneo na Geografia, quando se considera especificamente as publicações dedicadas ao tema da ontologia do espaço, bem como – igualmente – as publicações que recorrem à influência de Heidegger nesta ciência, um resultado que se impôs à pesquisa foi a constatação de que o campo de investigação fenomenológica sobre o espaço – a partir do referido filósofo – resguarda muito trabalho e pesquisas para serem desenvolvidos pelos geógrafos.

Nesse sentido, a pesquisa pôde constatar que mais importante do que a reprodução

das formulações do filósofo convergentes com a “dimensão espacial” e, mesmo, a “importação” de suas formulações associadas à “dimensão espacial”, contidas na vasta obra do filósofo que, a princípio, seriam convergentes com a disciplina, não constitui, necessariamente, um encaminhamento profícuo para o diálogo dos geógrafos com o filósofo. Antes disso, se impôs a constatação de considerar um modo de compatibilizar o pensamento de Heidegger com uma ciência específica, no caso, a Geografia e, para tanto, a pesquisa detectou uma via que se concentraria na retomada da investigação do problema da fundamentação ontológica do espaço, que pode ser encetada, a princípio, pela assimilação - através da *analítica do ser-aí* - do significado do *existencial ser-em*. Sob essa via, sugere-se, torna-se possível aceder à interpretação do *espaço existencial* contida no pensamento do filósofo, ao tempo em que se divisa a possibilidade de retomar a discussão da fundamentação ontológica da Geografia sob a via da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação do *existencial ser-em* contida na *Ontologia fundamental* de “**Ser e Tempo**” revelou uma série de condicionantes que, ao fim e ao cabo, se revelaram mais relevantes do que a busca de um “conceito de espaço” ou de formulações mais diretamente relacionadas à “dimensão espacial” passíveis de serem extraídas dos escritos de Heidegger. Dentre essas condicionantes, a primeira e mais fundamental, diz respeito ao reconhecimento de que uma interpretação fenomenológica do espaço só pode ser divisada, em consonância com o pensamento do filósofo, assumindo a tarefa de conduzir a investigação através da *analítica do ser-aí*.

Apartir desse ponto de partida desenvolve-se toda uma sucessão de encadeamentos analíticos que conduzem a uma *interpretação fenomenológica do espaço existencial*, notadamente através da depuração do *existencial ser-em*. Não considerar o caráter incontornável desse encaminhamento, por sua vez, teria, dentre outras conseqüências o efeito de submeter a interpretação dos *existenciais* cunhados pelo filósofo a uma interpretação categorial e, assim, seria radicalmente transfigurada a experiência de pensamento que o filósofo desenvolveu em sua *Ontologia fundamental*. Esse extravio, contudo, não é incomum quando se observa a extensão com a qual, de modo insuspeito, toda uma gama de formulações do filósofo foi “importada”, de forma direta e aligeirada para o plano interno do debate teórico-metodológico da disciplina, via de regra sob o pretexto de fomentar o debate epistemológico ou, mesmo, fornecer uma retórica conceitual trivializada para supostamente fundamentar pesquisas empírico-aplicadas na Geografia. Quanto a isso o presente trabalho pretendeu contribuir para promover o diálogo com o filósofo, apontando para uma via bastante distinta àquela esposada pela Geografia humanista. Trata-se de uma via que já incitou contribuições que resguarda, sugere-se, muito ainda

a ser desenvolvido, a saber: direcionar à interlocução com Heidegger tendo em vista “reabilitar” o problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia. Por essa via, um primeiro passo envolve a interpretação do *existencial ser-em*, que só pode ser divisado à medida que o geógrafo assuma a tarefa da *analítica do ser-aí* no seio mesmo de sua ciência. Sob esse encaminhamento, toda uma miríade de condicionantes intrínsecos ao método fenomenológico de investigação, tal como o filósofo o apreende, vão se impondo e se articulando à própria dinâmica da investigação sobre a fundamentação ontológica da Geografia. Através dessa via o geógrafo irá, necessariamente, divisar uma *interpretação fenomenológica do espaço existencial*, que não se confunde com a reprodução e exposição teórica das formulações associadas à dimensão espacial em “**Ser e Tempo**”, nem mesmo dos parágrafos especialmente dedicados ao espaço neste livro (§§22-24) – absolutamente: de modo diverso, a via proposta concluiu, precipuamente, que o diálogo com o filósofo dispõe a possibilidade de abrir uma campo de investigação sobre as bases ontológico-existenciais da Geografia, isto é, uma Geografia fenomenológica-hermenêutica, que fomentará uma interpretação do espaço como fenômeno cooriginário à existência humana.

REFERÊNCIAS

CASANOVA, Marcos Antonio. **Mundo e Historicidade. Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo.** Rio de Janeiro. Editora Via Verita. 2015.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** SP: Perspectiva, 2011.

ELDEN, Stuart. Contribution to Geography? The space of Heidegger's Beiträge. **Environment and Planning D: Society and Space**, UK, V. 23, p. 819-827. 2005.

_____. **Mapping the Present: Heidegger Foucault and the Project of a Spatial History.** London: Continuum, 2001.

FOGEL, G. **Homem, Realidade, Interpretação.** Rio de Janeiro. Editora Mauad X, 2015.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HARVEY, D. **A Justiça Social e a Cidade.** São Paulo. Editora Hucitec, 1980.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

JORONEN, Mikko. **The Age of Planetary Space: On Heidegger, Being, and Metaphysics of Globalization.** 2010. 227f. Tese. Departamento de Geografia, Universidade de Turku, 2010.

PICKLES, John. **Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MARANDOLA Jr, Eduardo. Prefácio. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Editora perspectiva, 2011.

_____. **Fenomenologias do ser-situado.** crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Em Busca da Ontologia do Espaço. In: MOREIRA, Ruy (Org.) **Geografia: Teoria e Crítica.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

OLIVEIRA, L. A. **Deixar aprender: o ensino de geografia como educação geográfica existencial.** (Dissertação de Mestrado). Departamento de Geociências, UEL, 2017.

REIS, Luis Carlos Tosta dos. Ontologia do espaço e movimento de renovação crítica da Geografia: o desafio da diferença ontológica. **Revista Geografares.** N. 7. Vitória – Ufes, 2009.

_____. Ontologia da Produção do espaço na Geografia: uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Heidegger sobre a técnica. **Geografares,** Vitória nº 13, p. 01-39, dez. 2012.

REIS, Luis Carlos Tosta dos; SANTOS, J. M. O resgate da investigação ontológica na Geografia através da Fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger. In: **Anais do XII Encontro Nacional da ANPEGE.** Porto Alegre, 2017.

_____. O Resgate da Investigação Ontológica na Geografia através da Fenomenologia-Hermenêutica de Martin Heidegger. **ParaOnde!?**, Porto Alegre, v.12, n.1, p. 173-190, 2019.

SANTOS, Josimar Monteiro. **Horizonte humanista e fenomenologia na geografia: o problema da assimilação humanista do pensamento de Martin Heidegger.** (Dissertação de mestrado). Pós-Graduação em geografia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

SANTOS, Josimar Monteiro; REIS, Luis Carlos Tosta dos. Horizonte Humanista na Geografia e a Fenomenologia: O Problema da “Fenomenologia Geográfica”. In: GOMES, Ingrid Aparecida. **A Produção do Conhecimento Geográfico.** Ed.3. PR: Atena Editora, 2018. p. 44-52.

_____. O problema da interpretação humanista do pensamento de Martin Heidegger na geografia humanista brasileira. **Boletim Campineiro de Geografia,** v.9, n.1, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: EDUSP, 1978.

SILVA, Armando Corrêa da. O Espaço como Ser: uma auto-avaliação crítica. In: MOREIRA, Ruy (Org.) **Geografia: Teoria e Crítica.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do espaço na teoria social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991.

ZADOROSNY, L. **A Dimensão Ontológica na Geografia: um paralelo entre o horizonte da crítica-radical e o pensamento de Heidegger.** Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Água 13, 23, 51, 55, 57, 81, 103, 104, 105, 106, 110, 114, 127, 145, 148, 149
Ambiente 4, 5, 12, 13, 15, 24, 28, 30, 31, 33, 48, 50, 53, 54, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 103, 109, 113, 114, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151
Análise 1, 3, 5, 8, 10, 11, 17, 24, 30, 34, 36, 41, 43, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 69, 70, 76, 78, 79, 82, 83, 84, 103, 105, 113, 120, 122, 127, 131, 147
Aprendizagem 7, 9, 141, 156

C

Cidadania 14, 136
Cidade 9, 10, 14, 133
Conhecimento 8, 12, 20, 29, 34, 47, 73, 77, 78, 114, 134, 139
Contexto 4, 6, 8, 35, 68, 70, 73, 81, 87, 119, 129, 137, 138, 140, 141
Costeira 58, 144, 145, 146, 155

D

Desenvolvimento 5, 7, 8, 10, 13, 16, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 52, 68, 76, 81, 103, 107, 123, 125, 130, 138, 156
Dinâmica 17, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 82, 114, 123, 133, 144, 147

E

Educação 1, 6, 7, 12, 13, 48, 71, 81, 83, 134, 137, 140, 144, 150, 156
Ensino 7, 10, 71, 134, 136, 141, 142, 156
Escola 6, 7, 12, 69, 135, 136, 139, 140, 141
Espaço 2, 3, 4, 5, 12, 13, 14, 76, 77, 82, 83, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 145
Estudo 5, 7, 15, 17, 18, 31, 32, 35, 38, 41, 51, 53, 55, 59, 69, 71, 73, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 105, 106, 108, 110, 136, 142, 147

F

Fonte 18, 19, 20, 22, 26, 27, 28, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 75, 78, 108, 109, 118, 123, 128, 136, 146, 149, 152, 153
Formação 4, 23, 29, 34, 39, 43, 80, 122, 136, 140, 143, 145

G

Geografia 1, 2, 3, 5, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 48, 70, 71, 73, 79, 83, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 143, 154, 156

Geotecnologias 32, 33, 34, 50, 51, 52, 68, 76, 78, 80, 81, 82

H

Heidegger 3, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Hidrografia 73, 74

Hidrográfica 47, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 86

Humano 4, 5, 110, 116, 118, 121, 128, 130

I

Identidade 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 18, 138

Importância 8, 17, 21, 29, 51, 73, 75, 76, 103, 118, 125, 138, 146

Investigação 1, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 13, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 132, 133, 134

L

Lugar 2, 3, 4, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 21, 22, 24, 25, 26, 29, 86, 88, 91, 94, 98, 126, 127, 128, 139, 140

M

Mapa 10, 18, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 52, 69, 74, 75, 77, 78, 88, 103, 111, 112

Metodologia 1, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 36, 53, 55, 71, 83, 103, 107

Município 1, 2, 5, 6, 7, 12, 17, 18, 20, 22, 29, 48, 73, 84, 103, 104, 105, 111, 135, 136, 137

O

Ondas 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152

Organização 25, 53, 72, 73, 79, 81, 82, 83

P

Pesquisa 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 32, 33, 36, 68, 69, 71, 75, 76, 81, 111, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 135, 136, 137, 142, 156

Praia 20, 21, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

R

Relevo 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 80, 82, 103

Rio 5, 12, 13, 14, 24, 29, 30, 34, 35, 47, 48, 53, 58, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 103, 104, 105, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 134, 136, 142, 143, 154, 155

Risco 82, 124, 136, 141, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152

Rural 2, 6, 7, 47

S

Santos 1, 33, 47, 49, 71, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 134, 135, 143

SIG 33, 48, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 70, 71, 72, 75, 78, 82, 105, 107, 141

Sociedade 13, 28, 70, 73, 77, 78, 82, 103, 114, 119, 130, 136

Solo 34, 47, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 94, 97, 104, 106, 110, 113, 114

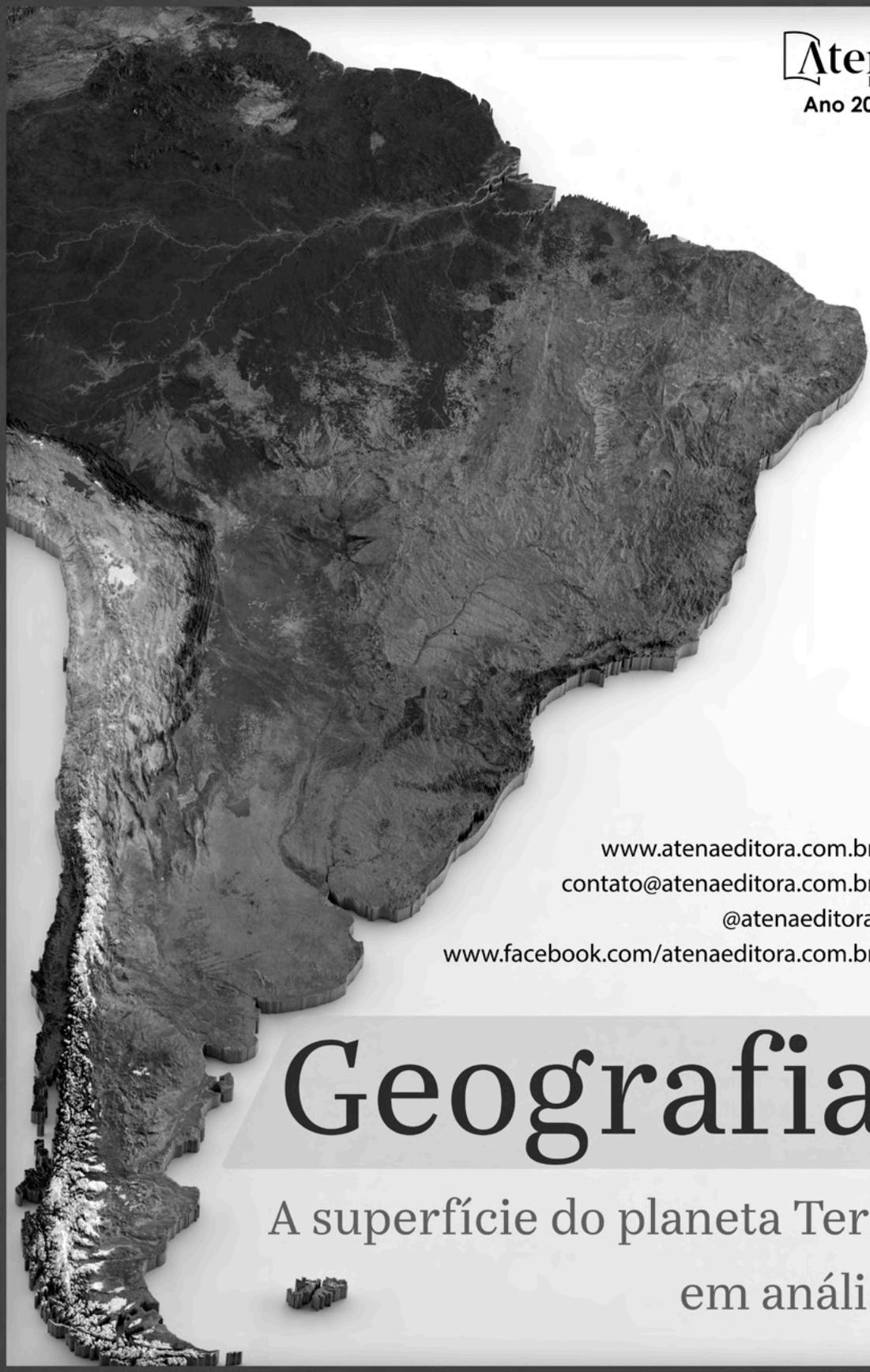
T

Terra 14, 20, 24, 26, 79, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 133

Trabalho 1, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 50, 53, 54, 55, 57, 68, 73, 75, 81, 84, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 111, 114, 116, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132

U

Uruguai 50, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise





www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise

